

## MUSICOTERAPIA E AUTISMO: REVISANDO EXPERIÊNCIAS MUSICAIS E PERSPECTIVAS MUSICOTERAPÊUTICAS NO *BRAZILIAN JOURNAL OF MUSIC THERAPY*

*Music Therapy and Autism: Reviewing musical experiences and  
music therapy perspectives in the Brazilian Journal of Music Therapy*

*Musicoterapia y Autismo: Revisando experiencias musicales y perspectivas  
musicoterapéuticas en el Brazilian Journal of Music Therapy*

*Paula Emanuelle Teixeira Gomes Araújo<sup>1</sup>, Marina Horta Freire<sup>2</sup>*

**Resumo** - Este estudo é uma revisão integrativa sobre as perspectivas musicoterapêuticas e as experiências musicais utilizadas na prática clínica dos musicoterapeutas brasileiros com pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e seus familiares. Por ser um periódico de referência da musicoterapia brasileira, o *Brazilian Journal of Music Therapy* (BRJMT) foi escolhido como a base de dados, abrangendo todas as edições, no período de 1996 a 2024. Foram encontradas vinte e duas publicações relacionadas a musicoterapia e autismo. A maioria das publicações relata a utilização de mais de uma experiência musical, sendo a improvisação a mais utilizada. A maioria das publicações não especifica a perspectiva musicoterapêutica utilizada, e, quando especificadas, as perspectivas são diversas. Conclui-se apontando a utilidade das quatro experiências musicais e a importância de o musicoterapeuta especificar a perspectiva que fundamenta a sua prática.

**Palavras-chave:** musicoterapia, autismo, perspectivas musicoterapêuticas, experiências musicais em musicoterapia

**Abstract** - This study is an integrative review of the music therapy perspectives and the musical experiences used in the clinical practice of Brazilian music therapists with people with Autism Spectrum Disorder (ASD) and their families. For being a reference journal for Brazilian music therapy, the *Brazilian Journal of Music Therapy* (BRJMT) was chosen as the database, covering all editions, in the period from 1996 to 2024. Twenty-two publications related to music therapy and autism were found. Most publications report using more than one musical experience, with improvisation being the most used. Most publications do not specify the music therapy perspective used, and when they do, the perspectives are diverse. We conclude by pointing out the usefulness of the four musical experiences and the importance of music therapists' identifying the perspective that underlies their practice.

**Keywords:** music therapy, autism, music therapy perspectives, musical experiences in music therapy.

1 Bacharel em Música com habilitação em Musicoterapia pela UFMG (2023/2), formada em Musicoterapia Focal Obstétrica com Gabriel Federico (2022), Atua como musicoterapeuta autônoma em clínicas especializadas em autismo. <https://lattes.cnpq.br/8438923227796905> e-mail: paulamusicoterapiavida@gmail.com

2 Musicoterapeuta, Professora Adjunta do curso de Musicoterapia da Universidade Federal de Minas Gerais. Bacharel em Musicoterapia, Mestre em Neurociências e Doutora em Música. <http://lattes.cnpq.br/1301269894536856> e-mail: [marinahf@gmail.com](mailto:marinahf@gmail.com). ORCID: 0000-0001-8022-3578

**Resumen** - Este estudio es una revisión integrativa sobre las perspectivas musicoterapéuticas y las experiencias musicales utilizadas en la práctica clínica de los musicoterapeutas brasileños con personas con el Trastorno del Espectro Autista (TEA) y sus familiares. Por ser un periódico de referencia de la musicoterapia brasileña, el *Brazilian Journal of Music Therapy* (BRJMT) fue elegido como la base de datos, cubriendo todas ediciones, en el período de 1996 a 2024. Se encontraron veintidós publicaciones relacionadas con la musicoterapia y el autismo. La mayoría de las publicaciones informan la utilización de más de una experiencia musical, siendo la improvisación la más utilizada. La mayoría de las publicaciones no especifica la perspectiva musicoterapéutica utilizada y, cuando se especifican, las perspectivas son diversas. Se concluye señalando la utilidad de las cuatro experiencias musicales y la importancia de que el musicoterapeuta especifique la perspectiva musicoterapéutica que fundamenta su práctica.

**Palabras clave:** musicoterapia, autismo, perspectivas musicoterapêuticas, experiencias musicales en musicoterapia

---

## 1 Introdução

### 1.1 Autismo e musicoterapia

O Transtorno do Espectro Autista (TEA), mais conhecido como autismo, é caracterizado por transtorno do neurodesenvolvimento mental ou comportamental de início na primeira infância, segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) (American Psychiatric Association, 2013). O diagnóstico de TEA é dado, geralmente, pelo neuropediatra, a partir de relatórios de terapeutas e educadores que o acompanham, e do olhar da família do paciente. Independentemente do nível de suporte, para que uma pessoa seja diagnosticada com TEA, precisa haver déficit em duas áreas: (1) interação social/comunicação e (2) interesses restritos e estereotipados.

No Nível 1, o suporte necessário para as atividades diárias é mínimo, e as pessoas podem se comunicar verbalmente, embora tenham dificuldade em manter diálogos e sejam inflexíveis em suas rotinas. No Nível 2, o suporte é de intensidade maior, e a comunicação verbal pode ser limitada, com necessidade de apoio em atividades de interação social. Já no Nível 3, a pessoa com TEA requer um alto nível de suporte devido a dificuldades significativas na independência, especialmente devido a comportamentos restritos e repetitivos, podendo ou não haver comunicação verbal (Associação Psiquiátrica Americana, 2013).

De acordo com os estímulos e tratamentos, os níveis de suporte podem se alterar e indivíduos transitarem de um nível de suporte para outro ao longo da vida e de seu desenvolvimento (American Psychiatric Association, 2013). Ainda assim, a dificuldade de categorização do autismo em um indivíduo se dá pela heterogeneidade das demandas apresentadas, por este motivo, se nomeia de “espectro”, por ser amplo e ter diversos tipos de manifestações (Sociedade Brasileira de Pediatria, 2019).

Segundo Gattino (2015), o principal objetivo dos tratamentos/intervenções em autismo é melhorar a qualidade de vida do sujeito autista, promovendo o desenvolvimento da autonomia, e a convivência em sociedade. Dentre as formas de tratamento está a musicoterapia.

Os primeiros registros de musicoterapeutas aplicando suas técnicas para beneficiar pessoas com TEA são de 1940 (Maranhão, 2020), ou seja, desde que se sabe que a musicoterapia existe enquanto uma profissão. Assim, pode-se afirmar que a história da musicoterapia está fortemente ligada à comunidade autista (Maranhão, 2020).

Os ganhos para a pessoa autista com a musicoterapia são incontáveis, principalmente na comunicação social, aprendizagem, socialização e relacionamentos interpessoais (Brandalise, 2013; Freire, 2021; Sampaio, 2015). No processamento sensorial, a musicoterapia pode ajudar pessoas com TEA a lidar com sensibilidades auditivas, táteis, olfativas, gustativas, proprioceptivas e vestibulares (Santana, 2017). Conforme revisão sistemática realizada por Brandalise (2013), alguns outros ganhos importantes são: diminuição de resistência ao tratamento, melhoras na expressão e compreensão das emoções, diminuição de crises comportamentais, desenvolvimento da musicalidade e ganhos na comunicação, como o desenvolvimento da linguagem gestual e aquisição de linguagem verbal.

## 1.2 Experiências musicais e perspectivas de musicoterapia aplicadas ao autismo

A musicoterapia é ampla e diversa, e, para atender o público autista, não seria diferente. Existem vários modelos, abordagens e orientações teóricas para nortear o atendimento, e não existe um consenso na literatura musicoterapêutica em relação aos termos utilizados para se referir a determinadas práticas.

Neste trabalho, para classificar as formas de intervenção musicoterapêutica, utilizamos o conceito de experiências musicais propostas por Bruscia (2000). As quatro experiências musicais propostas por este autor são: Improvisação, Recriação, Composição e Audição. Cada uma possui suas próprias características particulares e formas de engajamento.

- Improvisação - forma de engajar o cliente no fazer musical improvisado, ao tocar e/ou cantar, criando melodias, ritmos etc. no momento da execução. Essa experiência musical pode ser utilizada com os seguintes objetivos, dentre outros: estabelecer um canal de comunicação não-verbal e uma ponte para a comunicação verbal, promover a autoexpressão e a formação de identidade, explorar aspectos do eu na relação com os outros, desenvolver a capacidade de intimidade interpessoal, desenvolver habilidades grupais, criatividade, ludicidade, estimular e desenvolver os sentidos, desenvolver habilidades perceptivas e cognitivas (Bruscia, 2000);
- Recriação - forma de engajar o cliente para executar, de forma vocal ou instrumental, qualquer tipo de música. Dentre os objetivos, pode-se destacar:

desenvolver habilidades sensório-motoras, melhorar atenção e orientação, memória, promover a interpretação e comunicação de ideias e sentimentos, desenvolver identificação e empatia com o outro (Bruscia, 2000);

- Composição - forma de engajar o cliente para compor uma música ou trecho musical, seja ela instrumental ou com letra. Os objetivos podem ser, dentre outros: desenvolver habilidades de planejamento, de organização e habilidades para solucionar problemas de forma criativa, promover autorresponsabilidade, melhorar habilidade de documentar e comunicar experiências internas, explorar temas terapêuticos através das letras de canções (Bruscia, 2000);
- Audição - forma de engajar o cliente para ouvir música ou trecho de música. Dentre os objetivos, ressalta-se: promover a receptividade, estimular ou relaxar, evocar estados e experiências afetivas, explorar ideias e pensamentos, facilitar a memória, evocar fantasias e imaginação, estabelecer conexão entre grupo (Bruscia, 2000).

Além do termo “experiências musicais”, o presente trabalho também se utiliza do conceito de perspectivas, proposto por Gattino (2020). Esse autor utiliza a palavra “perspectiva” para se referir aos conceitos de: Modelo, Abordagem e Orientação, e nós também usaremos, buscando maior clareza na escrita e interpretação dos dados. Os termos têm os seguintes significados:

- Modelo - Segundo Bruscia (2014 apud Gattino, 2020), modelo aborda avaliação, tratamento e avaliação final, possui indicações e contra indicações clínicas, entendimentos teóricos específicos;
- Abordagem - Para Edwards (2016 apud Gattino, 2020), é uma adaptação de um modelo de outra disciplina para o contexto da musicoterapia;
- Orientação - Para Aigen (2013 apud Gattino, 2020), é a forma que o musicoterapeuta explica, expressa e descreve a prática musicoterapêutica. Não contém intervenção, procedimentos e objetivos específicos. Sendo assim, orientações são fundamentos filosóficos, valores e conceitos.

Segundo Gattino (2015), as perspectivas musicoterapêuticas mais populares e difundidas no Brasil são a perspectiva Improvisacional e a Neurológica. Na Musicoterapia Improvisacional, que é a perspectiva que mais tem registros em pesquisa

e prática clínica voltadas às pessoas com TEA, o fazer musical é gerado e conduzido a partir das experiências de improvisação musical. Consiste num fazer musical livre ou dirigido a partir da voz, corpo, movimentos e instrumentos musicais. Por meio da improvisação o musicoterapeuta consegue desenvolver potencialidades da pessoa para interagir, explorar sua criatividade, raciocínio lógico para combinações de sons, espontaneidade, planejamento, dentre outros (Gattino, 2015). Por exemplo, na Abordagem de Musicoterapia Nordoff-Robbins, que é um modelo que se utiliza prioritariamente da improvisação, acredita-se que toda criança autista pode se beneficiar da musicoterapia porque todas têm um potencial chamado *music child*, entendido como a habilidade inata de responder à música e se conectar com o outro por meio dela (Gattino, 2015).

A perspectiva neurológica abrange modelos de musicoterapia fundamentados nas Neurociências: a musicoterapia na reabilitação neurológica e o Modelo de Musicoterapia Neurológica (Thaut; Hoemberg, 2014). Por exemplo, no modelo de Musicoterapia Neurológica, também há uma atenção especial às pessoas com autismo, sendo descritas seis técnicas que podem auxiliar no atendimento para este público, são elas: Auditory Perception Training (APT) (Treinamento de Percepção Auditiva), Musical Attention Training Control (MACT) (Treinamento do Controle da Atenção Musical), Rhythmic Auditory Stimulation (RAS) (Estimulação Rítmica Auditiva), Vocal Intonation Therapy (VIT) (Terapia de Entonação Vocal), Patterned Sensory Enhancement (PSE) (Melhora Sensorial Modelada), Therapeutic Instrumental Music Performance (TIMP) (Execução Musical Instrumental Terapêutica) (Gattino, 2015; Thaut; Hoemberg, 2014).

A partir dessa fundamentação teórica levantamos o seguinte problema de pesquisa: quais são e como são utilizadas as perspectivas musicoterapêuticas e as experiências musicais em musicoterapia com pessoas com TEA no Brasil? A motivação para a pesquisa surgiu pelo desejo de ter embasamento teórico sólido para a prática clínica em estágios, durante a formação em musicoterapia, e excelência como profissional musicoterapeuta.

Assim, o principal objetivo do presente trabalho é conhecer o que já foi publicado na literatura brasileira sobre musicoterapia e autismo, identificando as perspectivas musicoterapêuticas (Gattino, 2020) e as experiências musicais (Bruscia,

2000) utilizadas e estudadas pelos musicoterapeutas nesta temática.

## 2 Metodologia

Esta é uma pesquisa bibliográfica orientada pela metodologia de pesquisa da revisão integrativa, que é um tipo de revisão de literatura científica que nos possibilita realizar um compilado de estudos retirados de base de dados e levantar hipóteses, discussões e conclusões sobre eles (Godoi, 2020; Souza; Silva; Carvalho, 2010).

A base de dados utilizada foi o *Brazilian Journal of Music Therapy* (BRJMT), também chamada *Revista Brasileira de Musicoterapia*. A justificativa para a escolha dessa base de dados é que o BRJMT é a revista da União Brasileira das Associações de Musicoterapia (UBAM), sendo a principal revista científica de publicações sobre musicoterapia no Brasil. Sua criação ocorreu no ano de 1995, sendo a primeira publicação em 1996 (Beggiatto; Piazzetta, 2020), quando a pesquisa musicoterapêutica no Brasil ainda era limitada. A partir de 2019, a revista foi internacionalizada, adotando o novo nome, e logotipo BRJMT, e migrando para a plataforma *Open Journal Systems* (OJS). A revista tem como escopo a divulgação de trabalhos científicos, como forma de incentivar a produção teórica e prática da musicoterapia brasileira (Beggiatto; Piazzetta, 2020).

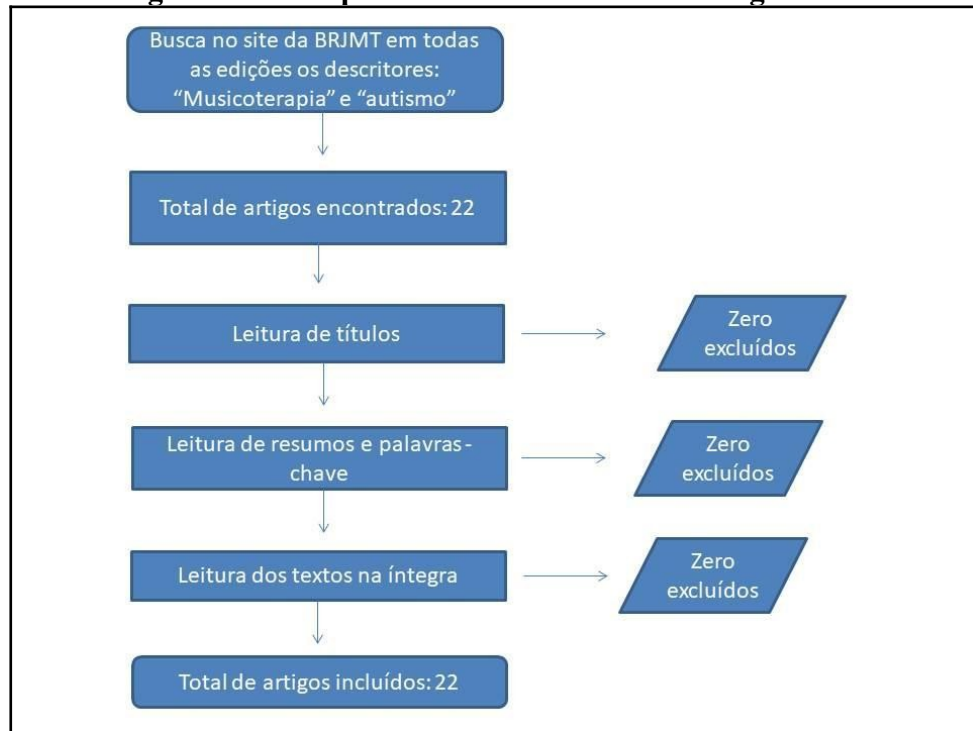
Na presente pesquisa, foram incluídas todas as edições do BRJMT até a data da busca no primeiro semestre de 2024, ou seja, todas as edições de 1996 a 2023. Foram incluídos os Anais do XVII Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia, que foram publicados em 2017 como edição especial desta revista. Por meio do recurso de busca do *website* da revista, foram realizadas três etapas de leitura:

1. Leitura de títulos das publicações, que contivessem os termos “musicoterapia” e “autismo” ou “autista”;
2. Leitura dos resumos e palavras-chave;
3. Leitura de textos selecionados na íntegra.

Os critérios de inclusão foram: ser estudo realizado em território brasileiro, envolvendo musicoterapia e autismo, e publicado no BRJMT. Não houve limite de data para publicação. Após as etapas de leitura dos artigos, nenhum foi excluído, pois todos atendiam aos critérios de inclusão, abordando o público autista, seja criança, adulto, ou

mesmo a família envolvida no processo terapêutico. Foram selecionados e analisados um total de vinte e dois artigos, conforme descrito no fluxograma abaixo:

**Fluxograma 1 – Etapas da busca e número de artigos incluídos**



Fonte: as autoras.

Conforme o objetivo do presente trabalho, além de discorrer sobre as publicações encontradas, buscamos identificar em cada uma: qual a experiência musical (Bruscia, 2000) e qual a perspectiva musicoterapêutica utilizada (Gattino, 2020). Alguns artigos não deixavam explícito quais foram, por isso, quando necessário, foram deduzidas, a partir da interpretação obtida pela descrição dos autores.

### 3 Resultados e discussão

Segundo revisão bibliográfica anterior, feita por Brandalise (2013), o autismo é a área de maior atuação e investimento da musicoterapia clínica brasileira. No entanto, existiam poucas publicações na época de sua pesquisa, que apresentou a revisão de apenas seis artigos. Com a presente pesquisa no BRJMT, de 1996 a 2023, obtivemos um parâmetro mais amplo das publicações brasileiras, encontrando vinte e dois artigos, dezesseis deles publicados após a revisão de Brandalise (2013) (Tabela 1).



**Tabela 1 – Trabalhos analisados, na ordem cronológica de publicação**

<b>Título</b>	<b>Autores</b>	<b>Edição e ano da revista</b>	<b>Tipo de estudo</b>	<b>Experiência Musicoterapêutica</b>	<b>Perspectiva Musicoterapêutica</b>
A Musicoterapia na Neuropsiquiatria Infantil: os Estados Autísticos	Craveiro, Leomara	ANO III NÚMERO 4 1998	Pesquisa com crianças e grupo de pais	Improvisação; recriação; audição	Abordagem de Musicoterapia Interativa
Musicoterapia e Autismo: um "setting" em Rizoma	Craveiro, Leomara	ANO IV NÚMERO 5 2001	Reflexões de caso	Não especificado	Não identificado
A Música, as Palavras e a Constituição do Sujeito: Ressonâncias na Clínica do Autismo e da Psicose Infantil	Vivarelli, Bianca Lepsch	ANO X NÚMERO 8 2006	Estudo de caso	Improvisação	Não identificado
Musicoterapia e Síndrome de Asperger: relato de experiência	Abadia, Rosalina; Medeiros, Ivany; Abadia, Fernando; Alcântara Silva, Tereza Raquel	ANO XI NÚMERO 9 2009	Estudo de caso	Improvisação	Não identificado
Musicoterapia para Angel. Autismo, ritmo e um espaço-tempo de ser	Sposito, Mariângela; Cunha, Rosemyriam	ANO XV NÚMERO 14 2013	Relato de experiência	Improvisação, recriação, composição	Não identificado
Musicoterapia aplicada à pessoa com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA): uma revisão sistemática	Brandalise, André	ANO XV NÚMERO 15 2013	Pesquisa bibliográfica	Receptivo, criativo e recreativo	Não identificado
O envelope sonoro e o <i>palming</i> : a integração entre o toque e o canto como base da relação com uma criança autista	Aragão, Luís de Moura	ANO XVI NÚMERO 16 2014	Estudo de caso	Improvisação, recriação	Não identificado
Protocolo de atendimento de Musicoterapia Improvisacional Músico-centrada para crianças com autismo	Freire, Marina; Moreira, Aline; Kummer, Arthur	ANO XVII NÚMERO 18 2015	Protocolo de atendimento	Improvisação	Musicoterapia Musicocentrada
Compreensão sobre o processamento sensorial no Transtorno do Espectro Autista como ferramenta para a intervenção musicoterapêutica	Santana, Daniel da Conceição	ANO XIX NÚMERO 22 2017	Revisão narrativa	Não especificado	Não identificado
Autismo e o empoderamento materno através da Musicoterapia Improvisacional	Vincenzi, Anamaria; Araújo, Gustavo; Gattino, Gustavo	ANO XIX NÚMERO 23 2017	Estudo de caso	Composição, improvisação	Musicoterapia Improvisacional e Musicoterapia Focal Obstétrica

Musicoterapia, autismo e Escala de Comunicabilidade Musical: um estudo de caso	André, Aline; Loureiro, Cybelle	ANO XIX – NÚMERO 23 – 2017	Estudo de caso	Recriação	Musicoterapia Neurológica
Aplicação da tabela IMTAP para avaliação da musicalidade e da habilidade emocional de crianças com o Espectro do Autismo considerando a interação musical	Pismel, Mariana; Piazzetta, Clara	ANO XIX Edição Especial* 2017	Iniciação científica	Não especificado	Não identificado
Estudo sobre Musicoterapia e interação social de indivíduos com Transtorno do Espectro do Autismo: um olhar sobre a literatura	Santos, Kelly Dantas; Fleury, Eliamar A. B.	ANO XIX Edição Especial* 2017	Projeto de pesquisa	Não especificado	Musicoterapia Improvisacional
Grupo de musicoterapia para pais de crianças com Transtorno do Espectro do Autismo: hipóteses para a não adesão	Barbosa, Abner Davi; Estanislau, Gabriel; Freire, Marina Horta	ANO XIX Edição Especial* 2017	Relato de experiência	Não houve atendimento, portanto, não especificado	Modelo Benenzon de Musicoterapia
Música e autismo: um relato de experiência entre a Musicoterapia e a Educação Musical Especial	Freire, Marina; Oliveira, Gleisson; Parizzi, Maria Betânia	ANO XIX Edição Especial* 2017	Relato de experiência	Improvisação	Musicoterapia Musicocentrada
Musicalidade e comunicação expressiva em musicoterapia, como estratégias para conhecer o espaço sonoro musical comunicacional de crianças com TEA	Tomaselli, Tainá; Piazzetta, Clara	ANO XIX Edição Especial* 2017	Iniciação científica	Improvisação, recriação, audição	Não identificado
Musicoterapia, autismo e <i>Son-Rise</i> : um estudo exploratório através de entrevista	Ferreira, Emily; Ricardo, Alexandra; Freire, Marina; Sampaio, Renato	ANO XIX Edição Especial* 2017	Entrevista	Não especificado	Não identificado
O áudio poema como ferramenta musicoterápica da técnica comportamental para o desenvolvimento do autista na escola	Santos, Carlos Correia	ANO XIX Edição Especial* 2017	Pesquisa bibliográfica	Não especificado	Não identificado

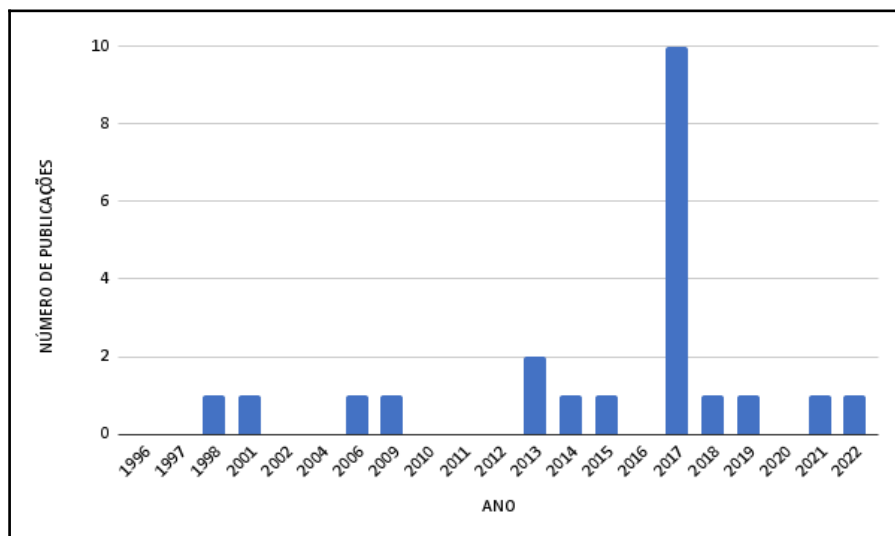
A não adesão de pais de crianças com Transtorno do Espectro do Autismo em grupo de musicoterapia: um relato de experiência	Barbosa, Abner; Estanislau, Gabriel; Sampaio, Renato; Freire, Marina	ANO XX NÚMERO 24 2018	Relato de experiência	Não houve atendimento, portanto, não especificado	Modelo Benenzon de Musicoterapia
A Musicoterapia, o <i>Telehealth</i> , a pessoa com TEA e seus familiares: relato de experiência e revisão sistemática da literatura	Brandalise, André	ANO XXI NÚMERO 27 2019	Relato de experiência e revisão sistemática	Improvisação, recriação, audição	Não identificado
Eficácia da musicoterapia improvisacional musicocentrada no tratamento de crianças pré-escolares no espectro do autismo: um estudo controlado	Freire, Marina; André, Aline; Sampaio, Renato; Kummer, Arthur	ANO XXIII NÚMERO 32 2021	Estudo controlado	Improvisação	Musicoterapia Musicocentrada
Relações afetivas e o Transtorno do Espectro Autista: dois relatos de caso em musicoterapia	Gonçalves, Biank Tomaz; Senra, Michele de Souza; Barcellos, Lia Rejane Mendes	ANO XXIV NÚMERO 33 2022	Relato de caso	Recriação; improvisação	Não identificado

Fonte: as autoras

\*Edição Especial 2017: Anais do XVII Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia

Num total de 34 revistas publicadas de 1996 a 2023 (média de duas revistas por ano), 15 delas apresentaram pelo menos um artigo sobre musicoterapia e autismo. Interessante ressaltar que 2017 foi o ano com maior número de publicações sobre autismo – e o ano com maior número de publicações em geral – pois, além das duas edições anuais, foi publicada uma edição especial dos Anais do XVII Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia, com os resumos expandidos dos trabalhos apresentados neste evento (Figura 1).

**Figura 1 - Artigos encontrados por ano de publicação**



Fonte: as autoras

Abaixo são apresentados gráficos que auxiliam na visualização da utilização das experiências musicais (Figura 2) e das perspectivas musicoterapêuticas (Figura 3), para o total de artigos encontrados nesta revisão.

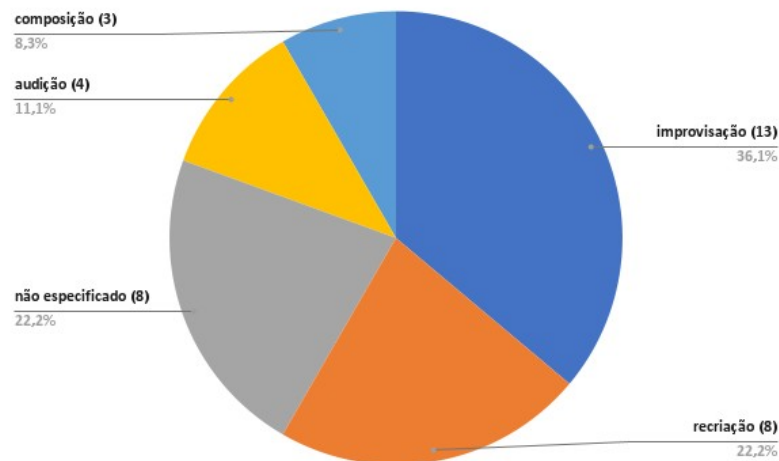
Em um olhar geral sobre as experiências musicais utilizadas (Figura 2), 77,8% das publicações relataram as experiências musicais utilizadas, enquanto 22,2% (8 artigos) não a especificaram – dentre esses, 5 são publicações que envolvem intervenção e 3 são pesquisas bibliográficas. A improvisação é a experiência mais utilizada, com 36,1% (13 artigos). É importante ressaltar que os musicoterapeutas relataram utilizar duas ou mais experiências com o mesmo paciente ou grupo.

Na Figura 2, estão representadas as quatro experiências musicais utilizadas em musicoterapia e autismo, de acordo com as publicações no BRJMT:

- 13 publicações relataram a utilização da Improvisação (Abadia et al., 2009; Aragão, 2016; Brandalise, 2013; Brandalise, 2019; Craveiro, 1998; Freire et al., 2015; Freire et al., 2017; Freire et al., 2021; Gonçalves et al., 2022; Sposito, Cunha, 2013; Tomaselli, Piazzetta, 2017; Vincenzi et al., 2017; Vivarelli, 2006);
- 8 publicações relataram a utilização de Recriação (André, Loureiro, 2017; Aragão, 2016; Brandalise, 2013; Brandalise, 2019; Craveiro, 1998; Gonçalves et al., 2022; Sposito, Cunha, 2013; Tomaselli, Piazzetta, 2017);

- 8 não especificaram a experiência musical utilizada (Barbosa et al., 2017; Barbosa et al., 2018; Craveiro, 2001; Ferreira et al., 2017; Pismel, Piazzetta, 2017; Santana, 2017; Santos, 2017; Santos et al., 2017);
- 4 utilizaram a experiência de Audição (Brandalise, 2013; Brandalise, 2019; Craveiro, 1998; Tomaselli, Piazzetta, 2017);
- 3 utilizaram a experiência de Composição (Brandalise, 2013; Sposito, Cunha, 2013; Vincenzi et al., 2017).

**Figura 2 - Experiências musicais utilizadas em Musicoterapia e Autismo retratadas nas publicações do BRJMT**



Fonte: As autoras

Sobre a perspectiva musicoterapêutica (Figura 3), podemos ver que a maioria das publicações (13 artigos, 56,5%) não a especificaram, e, quando foi relatada (9 artigos, 43,5%), houve grande variedade. As perspectivas mais publicadas são: a Musicoterapia Musicocentrada (3 artigos, 13,0%) e Musicoterapia Improvisacional (2 artigos, 8,7%). O Modelo Benenzon também teve 2 publicações com a temática do autismo, porém ambas tratam de uma mesma pesquisa em que não foi realizada prática clínica (Barbosa et al., 2017; Barbosa et al., 2018).

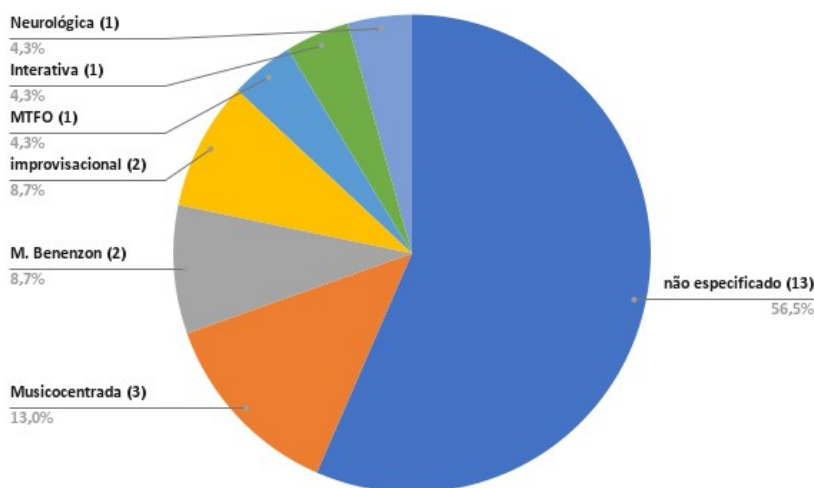
Na Figura 3, estão representadas as perspectivas musicoterapêuticas que embasam a prática musicoterapêutica com o autismo, conforme relatadas nas publicações do BRJMT:

- 13 artigos não especificaram a perspectiva em que trabalhava (Abadia et al.,

2009; Aragão, 2016; Brandalise, 2013; Brandalise, 2019; Craveiro, 2001; Ferreira et al., 2017; Gonçalves et al., 2022; Pismel, Piazzetta, 2017; Santana, 2017; Santos, 2017; Sposito, Cunha, 2013; Tomaselli, Piazzetta, 2017; Vivarelli, 2006);

- 3 artigos utilizam a perspectiva da Musicoterapia Musicocentrada em seus atendimentos (Freire et al., 2015; Freire et al., 2017; Freire et al., 2021);
- 2 artigos utilizam a Musicoterapia Improvisacional (Santos et al., 2017; Vincenzi et al., 2017);
- 2 artigos relatam a utilização do Modelo Benenzon de Musicoterapia (Barbosa et al., 2017; Barbosa et al., 2018);
- 1 artigo relata a utilização da Musicoterapia Neurológica (André, Loureiro, 2017);
- 1 artigo utiliza a Abordagem Interativa (Craveiro, 1998);
  - 1 artigo utiliza a Musicoterapia Focal Obstétrica (Vincenzi et al., 2017).

**Figura 3 - Perspectivas musicoterapêuticas aplicadas ao Autismo retratadas nas publicações do BRJMT**



Fonte: As autoras

Com os resultados apresentados nos gráficos, vemos que as publicações sobre musicoterapia e autismo tiveram um aumento considerável dentro do BRJMT nos últimos dez anos, visto que, atualmente, das 34 revistas, 15 possuem publicações sobre o tema, totalizando 22 artigos disponíveis – a média foi de um artigo por ano, tendo

maior destaque o ano de 2017, com 10 publicações.

Também é possível perceber que, no Brasil, os trabalhos de musicoterapia com autismo mostram a possibilidade de utilizar uma ou mais das quatro experiências de Bruscia (2000) com um determinado paciente ou grupo, tanto familiares como a pessoa autista, havendo maior preferência pela experiência de improvisação. É interessante realçar que a maior parte dos artigos relata a utilização da improvisação musical, mesmo que não seja orientada pela perspectiva da Musicoterapia Improvisacional.

Como muitos textos não especificaram em qual perspectiva estava trabalhando, é válido levantar os seguintes questionamentos: Os autores não especificam pela dificuldade em se adaptar a somente uma perspectiva? Ou podem estar utilizando mais de uma perspectiva ao mesmo tempo? Essas questões apontam para a importância de o musicoterapeuta entender sua orientação teórica e/ou abordagem para uma atuação mais assertiva. Além disso, os artigos trazem uma ampla variação de perspectivas musicoterapêuticas, mostrando a diversidade da musicoterapia no Brasil.

A seguir, serão apresentadas três categorias em que foram divididos os trabalhos analisados: (1) Intervenções com a família; (2) Pesquisas bibliográficas e projetos de pesquisa; e (3) Intervenções com a pessoa autista.

### 3.1 Intervenções com a família

Os artigos que utilizaram a intervenção com as famílias foram: Craveiro (1998); Barbosa et al. (2017); Barbosa et al. (2018); Vincenzi et al. (2018). O trabalho com a família é muito importante porque envolve o autocuidado. O cuidar de si mesmo traz benefícios pessoais (pai e/ou mãe) e conseqüentemente para o filho (Andrade e Teodoro, 2012 apud Barbosa et al., 2017; Barbosa et al., 2018).

Dos artigos que tratam de intervenções com familiares, somente Vincenzi (2017) especificou as experiências musicais utilizadas, que foram: composição e improvisação. Barbosa e colaboradores (2018) não conseguiram realizar a intervenção clínica proposta, pela falta de engajamento dos pais dos pacientes. Já o foco de Craveiro (1998), são as reflexões sobre a prática clínica a partir do humanismo e da abordagem Interativa de Barcellos (1992, apud Craveiro 1998).

As perspectivas musicoterapêuticas utilizadas com os pais/mães foram:

- Musicoterapia Improvisacional e Musicoterapia Focal Obstétrica (Vincenzi et al., 2017);
- Modelo Benenzon de Musicoterapia e Abordagem Psicodinâmica (Barbosa et al., 2017; Barbosa et al., 2018);
- Musicoterapia Interativa e Abordagem Humanista Existencial (Craveiro, 1998).

O trabalho com a família é importante por dois motivos, observados nos textos que traziam esse tipo de intervenção: (1) Para que o tratamento seja expandido no âmbito familiar; (2) Para ter qualidade na relação dessa família, pensando não somente na saúde do paciente, como também na saúde de seus familiares.

20

### 3.2 Pesquisas bibliográficas e projetos de pesquisa

Três dos artigos encontrados são pesquisas bibliográficas (Santana, 2017; Brandalise, 2013; Santos, 2017) e três são projetos de pesquisa (Tomaselli; Piazzetta, 2017; Pismel; Piazzetta, 2017; Santos; Fleury, 2017).

Dentre essas revisões bibliográficas e projetos de pesquisa, apenas duas identificaram as experiências musicais. Brandalise (2013) cita as quatro experiências, classificadas por ele como receptivas, criativas e recriativas. Tomaselli e Piazzetta (2017) falam sobre a possível utilização da improvisação, recriação e audição em seus atendimentos. Santos (2017) propôs a utilização do áudio-poema, uma abordagem externa à musicoterapia.

Quatro publicações não citaram, e não foi possível identificar a experiência musical utilizada (Santana, 2017; Santos, 2017; Pismel; Piazzetta, 2017; Santos; Fleury, 2017).

A pesquisa é uma área enriquecedora e essencial para a musicoterapia, ao solidificar embasamentos teóricos sólidos para a prática clínica, uma vez que a musicoterapia é um processo terapêutico sistemático, com propósito, baseada em conhecimento, organizada e regulada, e não uma série aleatória de experiências não planejadas (Bruscia, 2000, p. 22). Nos trabalhos acima foram abordados temas relevantes, como:

- Um panorama de como a musicoterapia tem sido utilizada com esse público pelo mundo (Brandalise, 2013);



- A importância de o musicoterapeuta ter conhecimento sobre a ocorrência do processamento sensorial no TEA (Santana, 2017);
- A proposta de união da musicoterapia a outras áreas, o que nos leva a reflexões sobre a importância dos estudos controlados e randomizados para real validação de novas formas de fazer musicoterapia de forma multidisciplinar (Santos, 2017);
- Os projetos de pesquisa demonstram interesse dos musicoterapeutas por pesquisar novos temas e infinitas possibilidades que a musicoterapia pode fornecer (Tomaselli; Piazzetta, 2017; Pismel; Piazzetta, 2017; Santos; Fleury, 2017).

### 3.3 Intervenções com a pessoa autista

Os artigos que utilizaram a intervenção com a pessoa autista foram: Abadia et al. (2009); André; Loureiro (2017); Aragão (2014); Brandalise (2019); Craveiro (1998); Craveiro (2001); Ferreira et al. (2017); Freire et al. (2015); Freire et al. (2017); Freire et al. (2021); Gonçalves et al. (2022); Sposito e Cunha (2013); e Vivarelli (2006).

Dentre essas publicações, algumas utilizaram apenas uma das quatro experiências musicais, enquanto outras utilizaram duas ou mais experiências de forma combinada e/ou em abordagens específicas da musicoterapia. Essas experiências musicais apareceram distribuídas da seguinte forma:

- A improvisação foi relatada em 10 artigos (Abadia et al., 2009; Aragão, 2014; Brandalise, 2019; Craveiro, 1998; Freire et al., 2015; Freire et al., 2017; Freire et al., 2021; Gonçalves et al., 2022; Sposito; Cunha, 2013; Vivarelli, 2006);
- A recriação foi relatada em 6 artigos (André; Loureiro, 2017; Aragão, 2014; Brandalise, 2019; Craveiro, 1998; Gonçalves et al., 2022; Sposito; Cunha, 2013);
- A audição foi relatada em 2 artigos (Brandalise, 2019; Craveiro, 1998);
- A composição foi relatada em 1 artigo (Sposito; Cunha, 2013).

As perspectivas musicoterapêuticas que embasaram as práticas musicoterapêuticas

foram:

- 1 artigo utilizou Musicoterapia Interativa (Craveiro, 1998);
- 3 artigos utilizaram a Musicoterapia Improvisacional Musicocentrada (Freire et al., 2015; Freire et al., 2017; Freire et al., 2021);
- 5 artigos não citaram, e não foi possível identificar a abordagem utilizada (Abadia et al., 2009; Craveiro, 2001; Ferreira et al., 2017; Gonçalves et al., 2022; Sposito. Cunha, 2013);
- 2 artigos não citaram a abordagem utilizada, mas deixaram implícito, e foi possível identificar as perspectivas musicoterapêuticas utilizadas, sendo elas: a orientação humanista (Aragão, 2014) e a psicanalítica (Vivarelli, 2006);
- 1 artigo utilizou Musicoterapia Neurológica (André; Loureiro, 2017) – destaca-se esse artigo dentro da temática estudada, pois foi o único texto a apresentar um paciente adulto, enquanto todos os outros falaram sobre crianças e/ou adolescentes.

Os artigos que fizeram intersecções entre a musicoterapia e outra abordagem na intervenção com a pessoa autista foram: envelope sonoro e *palming* (Aragão, 2014); filosofia de Deleuze e Guattari (Craveiro, 2001); *Son-Rise* (Ferreira et al., 2017); e Psicanálise (Vivarelli, 2006).

As publicações que apresentam intervenções com a pessoa autista são fundamentais para o conhecimento de novos musicoterapeutas de como realizar sua prática clínica, assim como também divulgar ao público que nunca fez uma sessão como ela é e seus resultados, sua importância na vida de pessoas autistas e tantos outros públicos que se beneficiam da profissão.

#### 4 Conclusão

O intuito desta pesquisa foi identificar quais as perspectivas musicoterapêuticas e as experiências musicais utilizadas e publicadas por musicoterapeutas brasileiros em sua prática clínica no TEA. Para isso, utilizou-se como base de dados o BRJMT, em todas as suas edições, dos anos de 1996 até 2022. Foram encontrados vários tipos de publicações com a temática do autismo, entre elas pesquisas experimentais, relatos de casos, revisões, reflexões teóricas e projetos de pesquisa.

Vimos que a maioria das publicações descreve a utilização de mais de uma experiência musical, sendo que a principal é a improvisação. A maioria das publicações não especifica a perspectiva musicoterapêutica utilizada, e, quando especificadas, essas perspectivas são bem variadas.

Um ponto relevante a ser considerado é a formação dos musicoterapeutas brasileiros, que pode influenciar diretamente a escolha das experiências musicais e das perspectivas musicoterapêuticas escolhidas para a prática clínica com pessoas com TEA. A predominância da improvisação nas publicações analisadas, por exemplo, pode estar relacionada a uma possível ênfase dada a essa experiência musical nos cursos de musicoterapia no Brasil, onde se valoriza a criatividade e a adaptabilidade na interação musical (Corrêa, 2017). Além disso, observamos que alguns dos artigos que utilizam a improvisação como principal experiência possuem a mesma autora principal, o que sugere que determinados musicoterapeutas podem estar empenhados em pesquisar sobre uma prática clínica específica, enquanto outras práticas são menos disseminadas em artigos científicos. Esses fatores contribuem para a compreensão das razões por trás da escolha de determinadas perspectivas e experiências musicais, reforçando a importância de estudos contínuos sobre a formação dos musicoterapeutas e a diversificação das práticas clínicas.

Esperamos que o presente artigo possa contribuir para os profissionais da musicoterapia, clínicos e pesquisadores da área do autismo, ao reunir todas as 22 publicações já feitas pelo BRJMT, apontar as perspectivas musicoterapêuticas utilizadas no Brasil e afirmar a utilidade das quatro experiências musicais em musicoterapia, visto que a maioria dos musicoterapeutas declarou utilizá-las e relatam os benefícios das intervenções para as pessoas atendidas. Para pesquisas futuras, sugerimos que os musicoterapeutas continuem relatando a experiência musical utilizada e especifiquem a perspectiva musicoterapêutica que fundamenta a sua prática. É muito importante ter esse tipo de informação nos trabalhos para trazer maior rigor técnico e científico às publicações, e orientar melhor futuras investigações.

## Referências

- Abadia, R. G., Medeiros, I. F., Abadia, F. G., & Alcântara-Silva, T. R. M. (2009). Musicoterapia e síndrome de Asperger: relato de experiência. *Brazilian Journal of*

- Music Therapy*, XI(9), 1-9.
- André, A. M. B., & Loureiro, C. M. V. (2017). Musicoterapia, autismo e escala de comunicabilidade musical: um estudo de caso. *Brazilian Journal of Music Therapy*, XIX(23), 32-44.
- Aragão, L. M. (2014). O envelope sonoro e o palming: a integração entre o toque e o canto como base da relação com uma criança autista. *Brazilian Journal of Music Therapy*, XVI(16), 78-86.
- American Psychiatric Association (APA) (2013). *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais*. 5ª ed. Arlington, VA: American Psychiatric Publishing.
- Barbosa, A. D., Estanislau, G., & Freire, M. H. (2017). Grupo de Musicoterapia para pais de crianças com transtorno do espectro do autismo: hipóteses para a não adesão. *Brazilian Journal of Music Therapy*, XIX (Ed. Especial), 185-192.
- Barbosa, A. D., Estanislau, G., Sampaio, R. T., & Freire, M. H. (2018). A não adesão de pais de crianças com transtorno do espectro do autismo em grupo de Musicoterapia: um relato de experiência. *Brazilian Journal of Music Therapy*, XX(24), 26-44.
- Beggiato, S., & Piazzetta, C. M. (2020). Sobre a Revista: missão da revista brasileira de musicoterapia. Site do Brazilian Journal of Music Therapy <<https://musicoterapia.revistademusicoterapia.mus.br/index.php/rbmt/about>>.
- Brandalise, A. (2013). Musicoterapia aplicada à pessoa com transtorno do espectro do autismo (TEA): uma revisão sistemática. *Brazilian Journal of Music Therapy*, XV(15) 28-42.
- Brandalise, A. (2019). A musicoterapia, o *telehealth*, a pessoa com TEA e seus familiares: relato de experiência e revisão sistemática da literatura. *Brazilian Journal of Music Therapy*, XXI(27), 8-23.
- Bruscia, K. E. (2000). *Definindo musicoterapia*. 2ª Ed. Philadelphia, Pennsylvania: Enelivros.
- Corrêa, H. V. (2017). *Análise das grades curriculares e perfil dos estudantes de graduação em musicoterapia no Brasil* (Trabalho de Conclusão de Curso). Bacharelado em Música Habilitação Musicoterapia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil.
- Craveiro, L. (1998). A Musicoterapia na Neuropsiquiatria Infantil: os Estados Autísticos. *Brazilian Journal of Music Therapy*, III(4), 70-80.
- Craveiro, L. (2001). Musicoterapia e Autismo: um “setting” em rizoma. *Brazilian Journal of Music Therapy*, IV(5), 73-80.
- Ferreira, E. H. P., Ricardo, A. M. S., Freire, M. H., & Sampaio, R. T. (2017). Musicoterapia, autismo e *son-rise*: um estudo exploratório através de entrevista. *Brazilian Journal of Music Therapy*, XIX (Ed. Especial), 198-205.
- Freire, M., & Moreira, A., Kummer, A. (2015). Protocolo de atendimento de musicoterapia improvisacional musico-centrada para crianças com autismo. *Brazilian Journal of Music Therapy*, XVII(18), 104-117.
- Freire, M. H., Oliveira, G. C., & Parizzi, M. B. (2017). Música e autismo: um relato de experiência entre a musicoterapia e a educação musical especial. *Brazilian Journal of Music Therapy*, XIX (Ed. Especial), 85-90.
- Freire, M. H., André, A. M. B., Sampaio, R. T., & Kummer, A. M. (2021). Eficácia da musicoterapia improvisacional musicocentrada no tratamento de crianças pré-escolares no espectro do autismo: um estudo controlado. *Brazilian Journal of Music Therapy*, XXIII(32), 100-128.

- Gattino, G. S. (2015). *Musicoterapia e autismo: teoria e prática*. São Paulo: Memnon.
- Gattino, G. S. (2020). Fundamentos de avaliação em musicoterapia. Florianópolis, Santa Catarina: *Forma e Conteúdo Comunicação Integrada*.
- Godoi, B. (2020). *O que é uma revisão integrativa? Como fazer?*. Academia Médica. Disponível em <<https://academiamedica.com.br/blog/o-que-e-uma-revisao-integrativa-como-fazer>>.
- Gonçalves, B. T., Senra, M. S., & Barcellos, L. R. M. (2022). Relações afetivas e o transtorno do espectro autista: dois relatos de caso em musicoterapia. *Brazilian Journal of Music Therapy*, XXIV(33), 75-91.
- Maranhão, A. L. (2020). Musicoterapia no autismo. *Revista Eletrônica Humanitaris*, 2(2), 97-106.
- Pismel, M. C. G., & Piazzetta, C. M. (2017). Aplicação da tabela IMTAP para avaliação da musicalidade e da habilidade emocional de crianças com o espectro do autismo considerando a interação musical. *Brazilian Journal of Music Therapy*, XIX (Ed. Especial), 233-237.
- Santana, D. C. (2017). Compreensão sobre o processamento sensorial no transtorno do espectro autista como ferramenta para a intervenção musicoterapêutica. *Brazilian Journal of Music Therapy*, XIX (22), 107- 129.
- Santos, C. C. (2017). O áudio poema como ferramenta musicoterápica da técnica comportamental para o desenvolvimento do autista na escola. *Brazilian Journal of Music Therapy*, XIX (Ed. Especial), 206-211.
- Santos, K. D., & Fleury, E. A. B. (2017). Estudo sobre musicoterapia e interação social de indivíduos com transtorno do espectro do autismo: um olhar sobre a literatura. *Brazilian Journal of Music Therapy*, XIX (Ed. Especial), 245-250.
- SBP – Sociedade Brasileira de Pediatria. (2019). *Transtorno do Espectro do Autismo*. Departamento Científico de Pediatria do Desenvolvimento e Comportamento, Manual de Orientação, 5.
- Souza, M. T., Silva, M. D., & Carvalho, R. (2010). Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Einstein [online]*, 8(1), 102-106. DOI: 10.1590/s1679-45082010rw1134.
- Sposito, M. S., & Cunha, R. (2013). Musicoterapia para Angel: autismo, ritmo e um espaço-tempo de ser. *Brazilian Journal of Music Therapy*, XV (14), 15-29.
- Thaut, M. H., & Hoemberg, V. (2014). *Handbook of Neurologic Music Therapy*. Oxford, UK: Oxford University Press (UK).
- Tomaselli, T. J., & Piazzetta, C. M. (2017). Musicalidade e comunicação expressiva em musicoterapia, como estratégias para conhecer o espaço sonoro musical comunicacional de crianças com TEA. *Brazilian Journal of Music Therapy*, XIX (Ed. Especial), 193-197.
- Vincenzi, A. M., Araújo, G. A., & Gattino, G. S. (2017). Autismo e o empoderamento materno através da musicoterapia improvisacional. *Brazilian Journal of Music Therapy*, XIX (23), 45-64.
- Vivarelli, B. L. (2006). A Música, as Palavras e a Constituição do Sujeito: Ressonâncias na Clínica do Autismo e da Psicose Infantil. *Brazilian Journal of Music Therapy*, X (8), 109-126.

